



TERMINALIDADE DA VIDA NA FORMAÇÃO MÉDICA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Breno Lucas do Nascimento Costa(1); Fernanda Rayanny Lourenço Leite (2); Nayara Sayonara Duarte Delgado (3); Yasmin Lucena Dantas (4) Layza de Souza Chaves Deininger(5)

(1) Discente do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba/FCM. Email: brenolucas96@hotmail.com

(2) Discente do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba/FCM. Email: fernandarayanny2009@hotmail.com

(3) Discente do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba/FCM. Email: nayara_delgado@hotmail.com

(4) Discente do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba/FCM. Email: yasdanttas_@hotmail.com

(5) Enfermeira, Professora Mestra, Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba/FCM. Email: layzasousa12@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A morte pode ser definida como a total cessação de uma existência, sendo a última fase da vida. Apesar de se tratar de um processo natural e inerente à condição humana, o tema torna-se cada vez mais problemático – um tabu – na sociedade contemporânea. Os motivos para fugir da discussão sobre o assunto são diversos e envolvem diversas esferas, desde a social até a espiritual (KUBLER-ROSS, 2008).

Ao analisar o contexto histórico do processo do morrer, observam-se algumas mudanças no modo como o profissional de saúde trata o doente. Os estudos da anatomia humana no Renascimento permitiram avanços nos procedimentos médicos e a descoberta de novas doenças, aumentando a sobrevivência de diversos pacientes. No entanto, um efeito colateral desse processo é uma nova visão de que o enfermo é apenas um “meio de cultura” para as doenças (MELLO; SILVA, 2012).

Tal cenário é típico do modelo biomédico, que vê o ser humano como uma máquina e acaba por desconsiderar os aspectos psicológicos presentes em toda doença, provocando certo distanciamento do doente. Ao ignorar componentes subjetivos de cada enfermo, tal modelo acaba por gerar insatisfação em pacientes e profissionais médicos devido à substituição da anamnese e exame físico por exames complementares, por exemplo. (FERTONANI et al., 2015).

É notório o despreparo dos estudantes de Medicina e dos médicos recém-formados quanto ao modo de lidar com pacientes em estado terminal. Esse cenário se configura devido a uma falha na formação acadêmica destes, permeando dúvidas éticas e legais sobre como proceder durante o processo da terminalidade da vida.



No entanto, a literatura afirma que eles se julgam aptos e qualificados para lidar com pacientes próximos à morte. (MARTA et al., 2009).

Diante dessa ótica, é imperiosa a investigação dos problemas e obstáculos encontrados pelos estudantes de Medicina durante sua formação acerca da compreensão do processo de falecimento a fim de desenvolver melhores técnicas para confrontar essa realidade. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo identificar, na literatura, como os discentes do curso de Medicina encaram o processo da terminalidade da vida.

METODOLOGIA

Delineou-se um estudo de revisão sistemática e integrativa da literatura publicada nas bases Scientific Electronic Library online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), referente à terminalidade da vida na formação médica. Trata-se de Abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Deste modo, as etapas metodológicas foram: escolha do tema, eger a questão norteadora, determinar os critérios de inclusão e exclusão, análise e discussão de dados, e considerações finais. Foi contemplado o período de 2008 a 2016. Na busca utilizaram-se os descritores: morte, estudantes de medicina, relação médico-paciente e Cuidados Paliativos na Terminalidade da Vida, os quais foram primeiramente consultados no DeCS.

Foram enquadrados como critérios de inclusão: artigos científicos publicados na língua portuguesa de dados primários ou de revisão relatos. Foram excluídos editoriais, resenhas, teses, monografias e dissertações, bem como artigos repetidos e aqueles que não estavam relacionados com o tema.

Inicialmente foi realizada uma leitura pormenorizada do levantamento bibliográfico, a partir do quais aplicaram-se os critérios de inclusão e exclusão. Adotando como pergunta condutora do estudo: “Como a terminalidade da vida determina a formação médica?”. Assim, ao final realizou-se uma leitura interpretativa exploratória mediante cada o estudo dos artigos compilados, a fim de ordenar e sumarizar as informações contidas nas fontes, e selecionar a relação do conteúdo com objeto da pesquisa e descrever textualmente os acha os resultados. Para a realização deste estudo, foram encontrados os 29 artigos, sendo selecionados oito artigos por se encaixarem no objetivo da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A morte faz parte da rotina de muitos profissionais da saúde, inclusive dos acadêmicos



de medicina. Embora esse tema seja bastante discutido durante todo o curso, ele normalmente está associado às técnicas e a postura, quase que neutra do profissional perante esse acontecimento. Para grande parte dos médicos e docentes, a morte é abordada apenas como um processo biológico, materialista e mecânico, deixando os sentimentos e as emoções dos estudantes de lado (AZEREDO; ROCHA; CARVALHO, 2011).

No estudo realizado por Duarte *et al.* (2015) com alunos do quarto ano do curso de medicina, a morte ainda é encarada como um tabu para grande parte dos acadêmicos, uma vez que muitos profissionais parecem evitar esse assunto nas conversas cotidianas. Ela só é admitida por médicos, nos laboratórios de anatomia e de necropsia, fora deles esse tema é negado. Eles ainda relatam a falta de despreparo perante a terminalidade, mesmo com todas as vivências e discussões durante o curso, isso ainda é insuficiente para que eles saibam lidar com a morte.

Já no estudo de Garcia *et al.* (2012) a relação médico-paciente, que é bastante discutida no início da graduação, não é vista no campo de prática, uma vez que grande parte dos professores não tem a visão do paciente em sua totalidade, ou seja, como um ser humano, dificultando ainda mais a abordagem da terminalidade da vida. Sendo assim, o processo da morte é ignorado e perpassado para os familiares e para os acadêmicos de forma fria, por muitas vezes cruel.

Segundo Marta *et al.* (2015) em estudo realizado com 120 médicos residentes e 100 alunos do terceiro ano, é inevitável que a presença de sofrimento diante da morte afeta de maneira direta os profissionais da saúde, em especial os acadêmicos, sobrecarregando-os emocionalmente. Essa vulnerabilidade pode prejudicar o desempenho médico perante as necessidades do paciente, além de aumentar o nível de estresse profissional. Nessa ótica, os estudantes de medicina devem manter certa distância afetiva para com os pacientes, ou seja, envolver-se apenas de modo necessário, assegurando-lhe assistência humana e proteger-se da situação, para se manter íntegro e evitar a dor da perda.

Em contrapartida, o estudo de Costa *et al.* (2016), revela como benéfica uma maior aproximação entre o estudante e o enfermo em estado terminal, uma vez que possibilita enxergar o paciente como pessoa, e não como doença. Além disso, essa aproximação permite uma maior reflexão sobre a vida e a condição de morte, possibilitando que os alunos aprendam a manter um controle emocional ao mesmo tempo em que proporciona melhorias na qualidade de vida do paciente em estado terminal. Essa aproximação e capacidade de empatia exigem compreensão, enfrentamento e tolerância.



Mesmo sabendo da morte próxima, os estudantes de medicina que acompanham pacientes em estágio terminal se sentem impotentes, pois acreditam que para a maioria das enfermidades exista um tratamento que possibilita uma cura. Desse modo, a ansiedade e angústia interferem em seu cotidiano, muitos relatam o surgimento de sintomas depressivos quando se relacionam com tais pacientes, revelando despreparo para lidar com a morte iminente do paciente (SADALA & SILVA, 2008).

Os modelos de formação médica encontrado em grande parte das universidades ainda se baseiam no modelo generalista, focado no ensinamento técnico. Por mais que a psicologia seja discutida durante a graduação, ela não é abordada com a sua devida importância, e nem voltada para o preparo emocional do acadêmico frente a questões como a morte. Diante da sobrecarga de conteúdos durante a vida acadêmica e o dilema da falta de tempo, muitos médicos recém-formados apresentam profundo abalo, medo, insegurança e depressão ao encarar com a morte, e assim passam a ignorá-la e não dar a devida importância, como um meio de proteção (ANDRADE, *et al.*, 2014).

CONCLUSÃO

Quando a morte ocorre, desenvolve no acadêmico uma sensação de angústia e frustração, desenvolvendo inseguranças sobre sua aptidão, visto que desenvolvem sua capacitação para a cura, esta seria a única e grande meta pois resulta na gratificação do aprendizado adquirido e recompensa para o esforço realizado.

É imprescindível desenvolver formas de minimizar as consequências de enfrentar a morte todos os dias. Existe um despreparo durante a formação médica, os conceitos apresentados ao aluno são conceitos biológicos, mecânicos e materialistas. A melhor alternativa para contrapor isto, seria aperfeiçoar a metodologia de preparação. Talvez a forma de restringir o assunto apenas no desenvolvimento de atividades teóricas, não seja tão produtivo quanto uma abordagem prática e teórica, com concepções menos biológicas da morte, que enfatizem os sentimentos provocados no estudante durante o contato com a doença, o sofrimento e a morte.

Neste tipo de orientação, são sugeridas criação de atividades de ensino em tutoria com grupos pequenos como uma maneira de favorecer os componentes emocionais e a reflexão do tema, estes espaços de discussão por meio de observação e apresentação de casos poderiam provocar novos comportamentos diante esta realidade. Além disso, possui como dificuldade abranger e gerar interesse sobre o tema para os graduandos, por isso é importante incentivar



as pesquisas voltadas para o assunto.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. B. C. *et al.* Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. Rev. bras. educ. med. vol.38 no.2 Rio de Janeiro Apr./June 2014
- AZEREDO, N. S. G.; ROCHA, C. F.; CARVALHO, P. R. A. O enfrentamento da morte e do morrer na formação de acadêmicos de Medicina. Rev. bras. educ. med. vol.35 no.1 Rio de Janeiro jan./mar. 2011
- COSTA, A. P.; POLES, K. SILVA, A. E. Formação em cuidados paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. Interface (Botucatu) vol.20 no.59 Botucatu Oct./Dec. 2016 Epub May 03, 2016
- DUARTE, A. C; ALMEIDA, D. V.; POPIM, R. C. A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina. Interface (Botucatu) vol.19 no.55 Botucatu Oct./Dec. 2015 Epub Aug 25, 2015
- FERTONANI, Hosanna Patrig *et al.* Modelo assistencial em saúde: conceitos e desafios para a atenção básica brasileira. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1869-1878, junho 2015.
- GARCIA, M. A. A.; FERREIRA, F. P.; FERRONATO, F. A. Experiências De Humanização Por Estudantes De Medicina. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 10 n. 1, p. 87-106, mar./jun.2012
- KUBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. 9^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MARTA, G. N. *et al.* O estudante de Medicina e o médico recém-formado frente à morte e ao morrer. Rev. bras. educ. med. vol.33 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 2009
- MELLO, Aline Andressa Martinez; SILVA, Lucia Cecilia da. *A estranheza do médico frente à morte: lidando com a angústia da condição humana*. Rev. abordagem gestalt, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 52-60, jun. 2012.
- SADALA, M. L. A.; SILVA, M. P. Cuidar de pacientes em fase terminal: a experiência de alunos de medicina. Interface (Botucatu) vol.12 no.24 Botucatu Jan./Mar. 2008.